

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ANDRESA DALILA GONZAGA

A VIVÊNCIA DA PATERNIDADE, SOB O OLHAR DO PAI ADOLESCENTE

Florianópolis
2016

ANDRESA DALILA GONZAGA

A VIVÊNCIA DA PATERNIDADE, SOB O OLHAR DO PAI ADOLESCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador(a): Juliana Cavilha Mendes Losso

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gonzaga, Andresa Dalila

A vivência da paternidade, sob o olhar do pai
adolescente / Andresa Dalila Gonzaga ; orientadora,
Juliana Cavilha Mendes Losso - Florianópolis, SC, 2016.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Curso de Especialização em gênero e diversidade na
escola.

Inclui referências

1. 3. PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA. 4. SEXUALIDADE. 5.
GÊNERO. I. Cavilha Mendes Losso, Juliana . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de
Especialização em gênero e diversidade na escola. III.
Título.

ANDRESA DALILA GONZAGA

A VIVÊNCIA DA PATERNIDADE, SOB O OLHAR DO PAI ADOLESCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

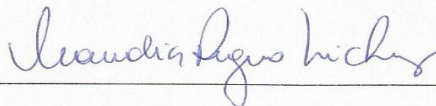
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

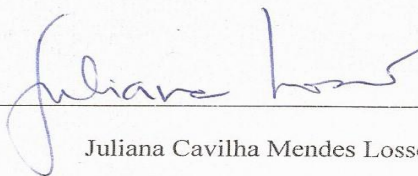


Olga Regina Zigelli Garcia

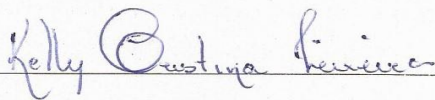
Banca Examinadora:



Claudia Regina Nichnig



Juliana Cavilha Mendes Losso



Kelly Cristina Teixeira

Dedico este trabalho a minha família que sempre me incentivou e permanece me apoiando!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido e me guiado até aqui.

A todos os meus familiares em especial aqueles que estiveram comigo durante todo o processo de trabalho, me incentivando diretamente e não me deixando desistir como meus pais Anízio e Dalila, meu esposo Maicon, minha irmã Arlene. Ou indiretamente, me proporcionando momentos de alegria e descontração como meu sobrinho Tiago Manoel, irmã Aline, vó Bela, tia Ciça, tia Bia, Diego, Juvenal, Claudio e Mineiro.

Agradeço as minhas amigas que estão concluindo comigo essa especialização Greici e Denise.

Ao casal de amigos e intercessores especiais Pastores Carlos Côrrea e sua esposa Jucelane.

Aos interlocutores que participaram voluntariamente da pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho do CRAS.

Agradeço a minha querida, presente e dedicada orientadora Juliana, que desde nosso primeiro contato evidenciou a excelente profissional que é, além de ter me acompanhado, incentivado e despertado em mim, depois de alguns anos longe da academia, uma vontade de retornar e prosseguir.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de

governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Obrigada a todos!

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
(PAULO FREIRE, 2001)

RESUMO

Com vistas a dar continuidade ao trabalho de conclusão de curso de graduação de Serviço Social sobre gravidez na adolescência, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Objetivo nesta pesquisa abordar o tema sob o ponto de vista da paternidade na adolescência. Pretendo compreender quais as consequências e responsabilidades acarretadas para o homem genitor na adolescência, fato revelado como lacuna na pesquisa anterior. Objetivo ampliar a visibilidade ao tema e problematizar a questão de gênero, a partir da trajetória destes sujeitos, com a percepção de como incidiram diante da paternidade na adolescência, e como tais experiências se modificaram com o passar dos anos. A pesquisa é de caráter qualitativo com os sujeitos que foram pais adolescentes. Na qual identifiquei uma busca por relacionamentos tradicionais bem como uma série de comportamentos naturalizados no que concerne às atribuições diferenciadas de acordo com o gênero. Espero com este trabalho suscitar e subsidiar projetos educacionais que problematizem a questão de gênero na paternidade na adolescência.

Palavras-chave: Paternidade, adolescência, gênero, masculinidades

ABSTRACT

Aiming at further developing previous studies on teenage pregnancy (mainly an independent thesis when graduating in Social Service from Universidade Federal de Santa Catarina), in this work I approach the subject from the point of view of teenage paternity. I investigate the consequences and responsibilities implicated in male teenage parenting, an underdeveloped topic in previous works. Adult men who were fathers as teenagers were the subjects for this qualitative research, in which I analyze the issue of gender within the context of the subjects' paths and how it impacted their experience with paternity in adolescence, as well as how their experiences changed over time. I identified a quest for traditional relationships, as well as naturalized behavior traits regarding different gender-focused roles. The goal of this study is to increase awareness on the issue, hopefully encouraging and informing educational projects that problematize gender issues in teenage paternity.

Keywords: Paternity, adolescence, gender, masculinities

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das adolescentes

Quadro 2 - Participação na pesquisa

Quadro 3 - Dados profissionais

Quadro 4 - Orientação e uso de métodos contraceptivos.

Quadro 5 - Família

Quadro 6 - Gestação e projetos de vida

Quadro 7 - Relações, cuidados e tarefas

Quadro 8 - Saudades e lembranças

Quadro 9 - Aborto

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDE - Gênero e Diversidade na Escola

MEC - Ministério da Educação

NUFT - Núcleo Formação e Trabalho

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE - Plano Nacional de Educação

PNEDH - Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

PPP - Projeto Político Pedagógico

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUS - Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	<u>INTRODUÇÃO</u>	1
2	<u>DESENVOLVIMENTO</u>	2
2.1	RESGATANDO A PESQUISA ANTERIOR	2
2.1.1	APRENDIZAGENS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS	3
2.1.2	RELATO	4
2.2	HONRA, MASCULINIDADE E FILHOS	6
2.2.1	RELAÇÕES FAMILIARES	7
2.3	POLÍTICAS PÚBLICAS NA ESCOLA	9
3	<u>METODOLOGIA</u>	12
3.1	O USO DAS REDES SOCIAIS (FACEBOOK, WHATTSAPP) COMO FERRAMENTA DE PESQUISA	12
3.2	DOS CAMINHOS DISTINTOS AOS DIFERENTES NOMES	14
4	<u>ANÁLISE DE DADOS</u>	18
5	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	27
	<u>REFERÊNCIAS</u>	30

1. Introdução

Esta pesquisa é uma continuidade do trabalho realizado anteriormente, no qual pesquisei sobre gravidez na adolescência. Momento em que trabalhei com adolescentes aprendizes gestantes ou mães, inseridas ou egressas do Núcleo Formação e Trabalho da Irmandade do Divino Espírito Santo (NUFT) em Florianópolis/SC, local em que realizei o estágio obrigatório do curso de Serviço Social na UFSC no ano de 2011 .

Naquele trabalho identifiquei uma série de marcadores ou condicionantes que levaram as adolescentes¹ a vivenciar uma gestação nesta fase da vida. Um dos fatos marcantes é que a participação do homem/pai não ficou evidenciada, algo que pode ter sido reflexo da própria pesquisa que não tinha este objetivo, ou ainda, porque de fato não houve uma participação mais efetiva do pai neste processo.

E, na intenção de dar continuidade, pretendo aqui, pesquisar sobre a vivência da paternidade na adolescência², tendo como sujeitos os adolescentes que eram os companheiros das interlocutoras adolescentes. Para tanto, reatualizei os contatos que possuía da pesquisa anterior com a intenção de retomar a experiência de gravidez, a partir de outro lugar, o masculino.

Considero pontos importantes para trabalhar com os atuais interlocutores, o significado do trabalho e do prover materialmente sua família com a remuneração advinda deste. Visto ser este um fator relevante naquilo que é considerado assumir a paternidade culturalmente.

Indaguei ainda se existe um momento e em qual seria, em que possam cuidar dos filhos, dar banho, alimentar, brincar, levar ao médico, a escola, atividades que culturalmente foram naturalizadas e atribuídas às mulheres e que na pesquisa anterior - com as adolescentes - já sinalizava para a reprodução de tais atribuições. Se eles se casaram cedo, como se materializa então a divisão de tarefas? Quando no fazer destas interpelações, identifiquei a partir das respostas se o passar dos anos, a convivência e a maturidade adquirida, trouxeram mudanças nas suas responsabilidades como pai.

Assim, esta pesquisa está organizada da seguinte maneira, no primeiro capítulo do

¹ Nesta pesquisa, as entrevistas partiram de um questionário com perguntas abertas, sobre gravidez, relacionamento, família, escola e trabalho. Tal trabalho servirá como base para construção da pesquisa atual.

² Considera-se aqui paternidade na adolescência aquela ocorrida até os 20 anos incompletos, seguindo a classificação oficial da Organização Mundial da Saúde (OMS), em que adolescência estaria compreendida dos 10 aos 19 anos de idade.

Desenvolvimento fiz um resgate de informações relevantes da pesquisa anterior, nos segundo e terceiro capítulos apresento definições importantes para um diálogo com autores que investem sobre o tema. Abordo questões de gênero, masculinidade, sexualidade, família, adolescência, educação e trabalho. No último capítulo do desenvolvimento apresento partes dos relatos dos interlocutores com concomitante análise dos dados obtidos através de suas respostas.

Tal pesquisa é pertinente como tema deste trabalho como conclusão de um curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, uma vez que é na escola que ocorre a socialização e também a construção do conhecimento, tal trabalho tem o intuito de contribuir e colaborar para a reflexão neste espaço, dando subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais que trabalhem na construção de relações mais equilibradas no tocante às questões de gênero.

2. Desenvolvimento

2.1 Resgatando a pesquisa anterior

A pesquisa realizada em 2011³ com as adolescentes inseridas ou egressas do Programa Jovem Aprendiz, desenvolvido pelo Núcleo Formação e Trabalho da Irmandade do Divino Espírito Santo (NUFT)⁴, revelou alguns traços que foram retomados nesta pesquisa, dentre alguns que podem ser observados no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Perfil das adolescentes

Nomes⁵	Idade	Gestantes- Mães	Com quem moravam	Educação
CARLA	16	Mãe	Marido e filho	Estudando
DAIANE	17	Gestante	Marido e Sogra	Concluiu

³ Pesquisa realizada no ano de 2011, durante o estágio obrigatório do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ O Núcleo Formação e Trabalho atua na região da grande Florianópolis, insere, capacita e acompanha adolescentes de 14 a 18 anos, em situação de vulnerabilidade social, ao mercado de trabalho, através de parcerias com empresas de economia mista, pública e privada para a execução do Curso de Aprendizagem.

⁵ Para resguardar o sigilo, usei nomes fictícios na identificação de todos os interlocutores da primeira e segunda pesquisa.

				ensino médio
KAREN	18	Mãe	Marido e filho	Concluiu ensino médio
MAIARA	16	Mãe	Filho	Estudando
PAULINE	17	Mãe	Marido e Filho	Parou de estudar
SIBELE	17	Mãe	Marido, filho e irmãos	Estudando
SIMONI	17	Gestante	Marido	Estudando

Como é possível observar no quadro 1, as sete adolescentes entrevistadas tinham idades entre 16 e 18 anos. Cinco delas na época da pesquisa, já haviam tido seus bebês, duas estavam grávidas. Ainda na mesma época seis moravam com os companheiros e apenas uma deixou de morar com o companheiro após o filho nascer.

Na parte educacional, apenas uma das adolescentes havia interrompido os estudos, pois não tinha com quem deixar sua filha. As outras estavam estudando, e as que haviam concluído o ensino médio não prosseguiram com os estudos. As três adolescentes que já haviam tido os bebês e continuavam a estudar, só o faziam porque podiam contar com a rede de apoio familiar ou serviço público educacional para as auxiliar.

Nenhuma das interlocutoras citou o pai do bebê como responsável em compartilhar com elas os cuidados diários com a criança, e, aquelas que não haviam tido o bebê ainda, também não previam a divisão de tarefas de casa com os companheiros. Apenas algumas citaram que eles eram responsáveis pela manutenção material da família.

Também ficou evidenciado, na pesquisa anterior, que todas as interlocutoras antes da gestação tinham conhecimento sobre o uso de métodos contraceptivos, bem como tinham acesso a eles. Porém, não foi o suficiente para evitar a gravidez⁶.

2.1.1 Aprendizagens sobre métodos contraceptivos

⁶ De acordo com Silva (2004), conhecer os métodos contraceptivos não garante sua utilização, isso pode se dar por fatores como não acreditar que estão sujeitas a riscos, não ter um diálogo próximo com os pais ou ter uma limitação no alcance de tais métodos.

As entrevistadas referiram ter tido conhecimento na escola, em aulas ou palestras sobre sexualidade e métodos contraceptivos, e, como utilizá-los. No entanto, que tais aprendizagens não aconteciam de forma sistemática, mas, recordavam ter visto em algum momento. Também mencionaram aprendizados na família, na comunidade, nas unidades básicas de saúde.

Outras citaram suas redes parentais como mãe, tias, ou amigas enquanto responsáveis por falar sobre o assunto. Mas nenhuma delas demonstrou não conhecimento dos métodos quando questionadas⁷. Nesta pesquisa - sobre a gravidez na adolescência - onde as interlocutoras eram adolescentes, bem como seus companheiros⁸ -, concluí que a gestação não representava ausência de informação mas, que era reflexo de diversas outras situações. Mesmo diante de campanhas veiculadas na mídia como durante o período das festas carnavalescas, cujos programas abordavam diretamente a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, com incentivo do uso de métodos contraceptivos com distribuição anual gratuita de preservativos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ainda assim o efeito não demonstra ser o esperado.

Nas publicações consultadas para construir a pesquisa anterior identifiquei um aspecto relevante de mencionar, ao que diz respeito ao grupo estudado aqui (camadas trabalhadoras) é o quanto uma gestação na adolescência nestas camadas pode representar para as entrevistadas uma maior visibilidade, valorização pessoal, além de cumprir com o seu papel de mulher, que pode conceber, correspondendo às expectativas determinadas socialmente para o modelo tradicional de relação do qual elas fazem parte.

2.1.2 Relato

Dentre os relatos das adolescentes, um especialmente, foi marcante. Carla, uma das interlocutoras destacou que engravidou porque seu companheiro na época iria viajar em uma missão militar⁹, e segundo ela, com medo de uma possível traição, ele queria que ela engravidasse. Destaca-se que o companheiro da interlocutora tinha clareza de que estaria

⁷ Sobre este tópico trabalharei mais adiante.

⁸ Todos eram adolescentes durante a primeira pesquisa, exceto um deles. Adolescente segundo a OMS compreende idade de 10 a 19 anos.

⁹ O interlocutor foi convocado para a missão de Paz no Haiti.

ausente do país durante determinado período, e segundo ela, foi este o motivo de não usarem mais os métodos contraceptivos.

Se, por um lado, a entrevistada em questão, garantiu que engravidou porque quis, no entanto, sua justificativa foi que seu namorado insistiu para que ela engravidasse, motivo que a fez parar de tomar o anticoncepcional. Revelando que ela não tinha clareza que sua decisão partiu de um desejo que não era seu, mas do namorado.

Aqui entendo que a vontade do companheiro se sobrepôs a própria vontade da adolescente, inclusive legitimando-a. Recordo que no dia em que fui entrevistá-la, Carla estava com 16 anos, o bebê com dois meses de nascimento e ela falou: “Eu acho que ele queria me engravidar para ter a certeza de que eu não iria o trair, enquanto estivesse na missão”. Também, durante o campo ela relatou que ele não acompanhou sua gestação, pois logo após confirmada a gravidez ele viajou em missão militar, e no dia em que a entrevistei o companheiro ainda não havia retornado. Vale ressaltar que Carla não mencionou se houve alguma promessa de oficialização de casamento após o retorno, citou apenas que antes de ele ir, ambos viviam juntos em uma casa cedida pela avó de Carla.

Tal situação narrada por Carla e seu companheiro é semelhante ao uso do cinto de castidade, dispositivo medieval que cobria o ventre e os órgãos genitais das mulheres, como forma de coibir sua atividade sexual enquanto os maridos faziam suas viagens.

Neste caso o dispositivo utilizado foi a gestação, mas evidencia a mesma pretensão do cinto de castidade. Algo que demonstra uma relação de domínio do homem em detrimento da submissão da mulher. Esse fato sugere que o planejamento de gestação enfatiza a garantia de castidade da mulher casada, neste caso da mulher gestante. Pois, deixar a namorada grávida, como forma de garantir um relacionamento, aponta que uma mulher grávida teria menos possibilidades de ter um novo relacionamento afetivo, e por consequência, garantindo que o vínculo/relacionamento afetivo/sexual, permaneceria enquanto não estivesse por perto.

Seria interessante investigar sobre tal ausência, como ele vivenciou esta paternidade a distância. Inicialmente tive a intenção de entrevistar este sujeito pois, houve o planejamento de uma gestação como garantia de relacionamento heterossexual e monogâmico, a certeza da fidelidade da parceira, no entanto, não revelado (por parte do relato da entrevistada) desejo

em exercer a paternidade. Outras questões como se houve planejamento quanto ao futuro do casal e ou da família, mas o contato com este sujeito não foi efetivado¹⁰.

2.2 Honra, masculinidade, filhos

Exercer a sexualidade para os homens, em nossa sociedade Ocidental por muito tempo foi visto como prova de masculinidade, uma obrigação e confirmação da virilidade (ALMEIDA, 1996; NADER & CAMINOTI, 2014). A partir de tal prerrogativa, ser pai apresenta uma visão positiva para muitas famílias, que mesmo diante das modificações da sociedade contemporânea, ainda assim reproduzem esses ideais como forma de honrar a masculinidade.

Um autor que deve ser mencionado nesta discussão de masculinidade é Connel (2013), o qual discute sobre a masculinidade hegemônica, e, como ela incide normatizando o que é ser homem. Refere-se que mesmo não sendo adotada de maneira generalizada, ela dita a maneira mais honrada de ser homem em determinada sociedade, e, define que todos os homens se posicionem em relação a ela.

Neste caso, a autora brasileira que se dedica a esta questão, - da honra - , Claudia Fonseca (2000) destaca que honra é sinônimo de poder, que não é necessariamente econômico, como enfatizam alguns pesquisadores.

A autora utiliza o conceito de honra de Pitt-Rivers, que define como sendo a coerência entre os ideais de dada sociedade e a reprodução deste ideais desempenhados pelo indivíduo. Pitt- Rivers se refere ainda a ligação entre honra e vergonha, onde a mulher cabe o papel da pureza ou privação sexual - vergonha -, apesar de valorizar a maternidade. Com esse comportamento estaria honrando sua posição no grupo do qual faz parte. (ROHDEN,2006).

Se um homem cumpre seu papel de reprodutor, ele está honrando sua masculinidade, exercendo o que é esperado socialmente. Mesmo que a paternidade ocorra em um contexto de relacionamento entre adolescentes, desde esta fase a representação da masculinidade já pode ser aclamada. Ou seja, mesmo que não seja possível de ser atingida por nenhum homem

¹⁰ Consegui entrar em contato com ele, após Carla me passar o número de seu telefone, pedindo que não falasse que tinha sido ela. Inicialmente ele aceitou participar da pesquisa, porém pouco tempo depois, uma pessoa que se identificou como sua 'atual namorada', informou que ele não queria mais participar e pediu que não insistisse. Tentei argumentar, mas ela foi intransigente, chegando a me bloquear na rede social whatsapp.

na íntegra, a masculinidade hegemônica tem o poder de produzir um efeito controlador sobre homens e mulheres e como evidenciado antes de se tornarem adultos. (ALMEIDA, 1996).

Almeida e Hardy (2007) referem-se a pesquisa com adolescentes pais, que espera-se tradicionalmente que o homem assuma o papel de provedor da família, nas relações de gênero. As autoras ainda citam Cabral (2003), quando menciona da importância que o trabalho pode ter para jovens de classes populares, inclusive no que concerne a afirmação de sua identidade masculina.

Existem então diferenças na compreensão do significado de gravidez na adolescência vivenciado por homens e por mulheres. Fato que justifica os diferentes conceitos de relações sociais de gênero, que vão sendo transmitidos desde a infância, intensificando-se na adolescência e na vida adulta, ao longo da trajetória do sujeito.

Em determinados contextos socioeconômicos os homens adolescentes apresentam comportamentos que os colocam em risco como forma de afirmar papéis tradicionais que lhe são atribuídos devido ao gênero, como relacionar-se sexualmente sem prevenção, ter diversas parceiras sexuais, demonstrar que não tem medo, entre outras características. Nesse contexto de colocar à prova sua sexualidade a heterossexualidade é condição obrigatória para consolidar sua masculinidade (ALMEIDA e HARDY, 2007) .

Como no caso citado anteriormente, onde o adolescente antes de viajar planejou a gestação, mas não demonstrou percepção acerca das consequências desta. O que aparenta é que queria apenas confirmar que poderia engravidar a namorada e exercer seu papel de procriador, além de garantir que sua honra não seria ameaçada por uma traição. Fica evidenciado que, mesmo diante da modernidade, e das novas relações familiares, ainda assim existe uma herança conservadora, onde o homem - neste caso o adolescente - reproduz comportamentos e posturas muito tradicionais.

2.2.1 Relações familiares

Relações de conjugalidade e de parentesco vivenciadas no contexto familiar, podem incidir muito na forma de vivenciar e reproduzir laços familiares. As relações que não se enquadram no modelo de família nuclear, ganharam mais visibilidade e reconhecimento, evidenciando assim as diferentes composições. Já não se considera família apenas a tradicional nuclear composta por pai, mãe e filho, mas, os diferentes arranjos familiares de pessoas unidas ou não por laços consanguíneos ou de afetividade.

Identificar quem são essas famílias, suas crenças, composições e condições políticas, econômicas e sociais, pode dizer muito sobre a leitura que fazem das formas de viver em sociedade (CARVALHO E ALMEIDA 2003 apud PIGNATEL 2009).

Claudia Fonseca (2005) nos fala dos diferentes arranjos familiares existentes nas classes populares brasileiras, em que a ajuda mútua, o apoio, a divisão e distribuição de recursos ultrapassam a rede de parentesco e laços consanguíneos para algo mais abrangente, não se restringindo a esfera doméstica.

A autora evidencia diferentes percepções em torno dessas relações salientando que um fato que ocorra com algum de seus membros, pode incidir em todo um movimento dessa rede de apoio, e projetos individuais podem dar lugar a resolução de conflitos e demandas na rede de parentesco.

Por este motivo ela aponta que não podemos definir família, de uma mesma maneira, pois o significado será diferente de acordo com a categoria social. Os membros que terão relevância nessa rede familiar, variam podendo ser pais, mães, sogras/os, avós, tias/os, primas/os, amigas/os entre outras/os. Diante de tantas possibilidades ela refere-se então as dinâmicas, laços e relações familiares, sendo mais coerentes do que um modelo ou unidade familiar. E define:

Assim, definimos o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo). (FONSECA,2005, p.54)

Quando falei sobre as famílias das adolescentes diante da gestação, a partir das interlocutoras, o que foi apontado é que em sua maioria foram bem semelhantes, se surpreenderam com a notícia mas, superado o momento inicial da surpresa, todos vivenciaram as gestações das meninas de forma agradável, as apoiando e auxiliando, inclusive financeiramente.

Dadoorian (2003) em um de seus artigos sobre gravidez na adolescência afirma que a reação inicial da família não é favorável a gestação, uma das justificativas seria a idade da adolescente. Porém, superada a reação inicial eles passam a aceitar o fato, vivendo essa fase com importante união na família .

Neste trabalho busco identificar se essa busca permanece atualmente e apresentar indicativos para que as políticas públicas educacionais sejam mais efetivas no que concerne a desconstrução ou problematização de tais valores.

Ainda, que os e as adolescentes possam ver na escola a possibilidade e a lucidez de fazerem suas próprias escolhas, e que não necessariamente terão de ter os mesmos projetos de vida de uma hegemonia, mas poderão construir seus próprios projetos.

2.3 Políticas Públicas na escola

Pensar em políticas públicas nesta pesquisa sobre trajetória de paternidade, significa compreender que elas incidem muito no vivenciar da paternidade. Investigo aqui sobre paternidade quando os pais são adolescentes, e neste contexto procuro identificar quais são as falhas do que concerne a efetiva escolha destes adolescentes pela paternidade. Se é a ausência ou ineficiência das políticas públicas que trabalhem com a prevenção, conhecimento e conscientização das escolhas, fator preponderante para que a paternidade não tenha sido planejada.

Tenho observado Políticas Públicas¹¹ educacionais nos últimos anos, em que uma série de atitudes, pressões e determinações de setores conservadores vêm implicando em decisões que tendem a controlar os comportamentos ou intervenções profissionais com base em valores morais.

A Constituição de 1988 foi promulgada após o período do regime militar, no início da redemocratização do país. Em seu texto enfatiza a promoção do bem de todos, sem preconceito e discriminação de quaisquer origem como raça, sexo, cor, idade orientação sexual, religiosa, entre outras. Preconiza ainda a laicidade do Estado, reconhecimento da diversidade de valores morais.

E é ainda nessa Carta Magna que se institui a obrigatoriedade do Plano Nacional de Educação (PNE), tendo em vista a necessidade de reformas educacionais.

Assim, foi na década de 90 que tivemos a incorporação de gênero nos debates sobre políticas públicas, especialmente devido a luta das mulheres como na IV Conferência Mundial

¹¹ Políticas Públicas podem ser definidas como uma soma de intervenções e iniciativas governamentais para efetivação de direitos e que proporcionem equidade no que concerne ao acesso aos mesmos no âmbito social (GRAUPE e SOUZA 2015 apud BUCCI, 2002).

sobre Mulher, promovida pela Organização das Nações Unidas. Neste cenário, o Ministério da Educação (MEC) publicou em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o qual tinha como pretensão ser um aporte para orientar o sistema educacional de ensino obrigatório.

Não representa uma imposição, mas serve como referencial para estruturar os currículos educacionais brasileiros. Tal documento representou um avanço trazendo como possibilidade trabalhar orientação sexual com ênfase em relações de gênero, doenças sexualmente transmissíveis e corpo humano - como tema transversal -, ou seja, que poderia atravessar ou subsidiar qualquer disciplina. Foi por meio desses documentos que a temática de gênero, voltada para a equidade ocupou um maior espaço nas propostas educacionais do país. (GRAUPE & SOUSA, 2005).

Os PCN's trazem o conceito de gênero como construção social, diferente do conceito biológico determinante de sexo, definem que os comportamentos diferentes atribuídos a homens e mulheres não são naturais, que foram construídos em sociedade a partir das diferenças biológicas. E isso resultou na naturalização das desigualdades atribuídas, onde os homens têm sido privilegiados com relação às oportunidades que lhe são oferecidas. (BRASIL, v10.2).

Cabe então às escolas colocar em prática as orientações advindas do PCN's trabalhando com a diversidade que reflete a realidade social, e é inerente ao processo educacional. Este documento apresenta um subsídio para intervenção pedagógica, uma vez que amplia as possibilidades de se trabalhar com a diversidade de gênero, o que até então não tinha sido posta tamanha relevância.

O Plano Nacional de Educação (PNE) (2001-2010) determina diretrizes, metas e estratégias para a política nacional, não enfatizou a questão da equidade de gênero em seu texto. Mas, o plano seguinte (2011-2020) inovou, predispondo a inclusão dos grupos historicamente excluídos, que são parte do contexto brasileiro, como negros, quilombolas, pessoas com deficiência, povos indígenas, trabalhadores do campo, mulheres lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Defendendo o direito a diversidade, com equidade, sem discriminação e justiça social. Condena o racismo, sexismo, homofobia dentre outras injustiças.

Porém, após ter sido apreciado pela Câmara e enviado ao Senado, ele foi retirado do Congresso, e, substituído pelo PNE 2014-2024 que excluiu as políticas de gênero e diversidade na educação, fato que implica em um retrocesso daquilo que já havia sido

construído e conquistado. O PNE 2014-2024 apesar de também preconizar justiça social, erradicação da discriminação, superação das desigualdades sociais, bem como a promoção da cidadania. Não aponta diretamente quem são os excluídos, deixando a ideia de certa forma subjetiva.

Então, conforme documentos, e atas daquele momento, de construção do PNE 2014-2024 a política pública de gênero, foi colocada como ideologia de gênero, termo utilizado por aqueles que não compreendem o gênero como uma construção social e cultural. Enfatizando que os papéis de homens e mulheres são diferenciados biologicamente, e, sem aprofundar o diálogo ou debate em torno do tema, implantaram novo Plano Decenal com tal exclusão. (GRAUPE E SOUSA 2015).

No ano de 2007 foi lançado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH/2007) que recomenda a discussão da discriminação, e da igualdade de tratamento para todos os indivíduos, destacando a educação não discriminatória e democrática. Não deixando de citar aspectos que diferenciam as pessoas entre si, como sexo, condições econômicas, orientação sexual, identidade sexual entre outras, mas enfatizando sua igualdade em sociedade. (BRASIL, 2007).

No que concerne a publicações mais específicas, e recentes podemos citar a Propostas Curriculares de Santa Catarina (2005 e 2014) que apresentam uma sucessão de avanços no tocante a abordagem de identidade de gênero e orientação sexual em busca da superação de ideais que determinam comportamentos adequados para homens e mulheres.

Mais especificamente a Proposta Curricular de 2014 propõe a abordagem da educação para as relações de gênero, diversidade sexual, educação e prevenção. Expressando uma forma de intervenção diferenciada, que rompa com os costumes e determinismos biológicos que tem ditado muitas vezes o que deve ser abordado, desconsiderando que o conceito de gênero é uma construção social e como tal deve ser debatida.

Graupe e Sousa (2015), salientam que ainda temos que avançar no que remete ao papel da reprodução e do ciclo da vida, devendo ser problematizados. Pois os sujeitos têm que compreender que ter filhos ou não, pode e deve ser uma escolha planejada e não determinada. Minha proposta aqui é de identificar se houve esse planejamento por parte dos envolvidos, neste caso os adolescentes pais, e ainda apontar para as possíveis falhas da escola, no tocante a orientação e educação sexual preconizada em algumas legislações mas não aprofundada no cotidiano escolar.

Graupe e Sousa (2015), consideram que a Proposta Curricular de Santa Catarina é um elemento importante no que concerne a discussão da temática de gênero, abordando diversidade sexual, identidades sexuais, dentre outros tópicos envolvendo sexualidade no contexto escolar.

A escola é (ou deveria ser) o principal canal de discussão e reflexão sobre o tema, cabe aos profissionais dentro dos planos de aula, projetos políticos pedagógicos, abrirem espaço, e propiciar a urgente discussão sobre gênero. Pois, como observado, as legislações mais recentes preconizam essa discussão mas para isso será necessário romper com preconceitos e ideais individuais para que o coletivo seja evidenciado e trabalhado. Outras intervenções e investimentos são fundamentais em capacitações dos profissionais, pois a falta de conhecimentos sobre o tema também pode levar a não abordagem do mesmo e consequente manutenção de desigualdades reproduzidas socialmente.

3. Metodologia

Apresentarei aqui a metodologia utilizada para construção do trabalho no qual utilizei as redes sociais como principais ferramentas de pesquisa, as quais fazem parte das mídias digitais, que difundem a comunicação digital através de aparelhos de comunicação tecnológicos como celular, tablet, computador entre outros.

Dentro de tais plataformas midiáticas as redes sociais são ferramentas em que seus membros podem expor seu perfil e postar fotos, textos, vídeos, interagindo com outras pessoas através da socialização (OLIVEIRA, 2013). O uso dessas mídias também promove a aproximação de pessoas através de um contato simultâneo independente do local onde se encontram, basta ter acesso a internet em tempo real. O WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas para Smartphones. Com ele, os usuários podem se comunicar com seus contatos que também têm esse software em seus smartphones, sem precisar telefonar ou enviar sms.

3.1 O uso das redes sociais (Facebook, WhatsApp) como ferramenta de pesquisa

A pesquisa foi de análise qualitativa, procurei aqui qualificar as informações, buscando explorar o conteúdo que está por trás das respostas, interpretando e analisando-o (MINAYO e SANCHES, 1993 apud SERAPIONI 2000).

A pesquisa qualitativa é muito importante nas ciências sociais pois busca interpretar e compreender ações, subjetividades, valores e atitudes que não são mensuráveis pois refletem individualidades vivenciadas por cada sujeito em determinado contexto que pode ser social, familiar, econômico. Diferente das ciências naturais que quantificam a partir de números e chegam a generalizações. A pesquisa qualitativa tem entre seus principais pressupostos interpretar as singularidades buscando compreendê-las. (GOLDENBERG, 2004)

Nessa pesquisa, como apontado anteriormente, resgatei em meio aos meus documentos nomes e contatos telefônicos das adolescentes que participaram da pesquisa anterior, no entanto, alguns números estavam desatualizados, então busquei por seus nomes nas redes sociais e encontrei seis das sete entrevistadas.

Como dito, nessa pesquisa os interlocutores foram os seus companheiros daquela época, ou seja, os genitores de seus filhos, e como não tinha seus contatos, foi por meio das interlocutoras daquela época que pude ter acesso a eles.

A metodologia de pesquisa foi inicialmente resgatar dados da pesquisa anterior, em seguida, entrevistá-los utilizando perguntas abertas¹², repetindo algumas que já haviam sido feitas as suas companheiras.

Utilizei como ferramenta de entrevista e de pesquisa, as redes sociais. Iniciei procurando cada uma das adolescentes da pesquisa de 2011 no Facebook¹³, processo que foi um pouco moroso, devido a dificuldade de encontrá-las pelos nomes dos registros que possuía, pois a ferramenta do Facebook oferece a opção de escolher nomes diferenciados, (e também apelidos), algo que dificultou a identificação das interlocutoras.

Após intensa procura, consegui localizar nesta rede, seis das sete na época adolescentes que participaram da pesquisa. Me aproximei virtualmente, e falei sobre a pesquisa atual. Como não possuía qualquer dado dos seus companheiros daquela época,

¹² A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos. (MINAYO, 1993. p.74).

¹³ Facebook é uma rede social lançada em 2004 onde os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

minha retomada de contato com essas interlocutoras se deu para que pudesse ter acesso aos interlocutores da atual pesquisa.

Segundo Goldenberg (2004), quando utilizar a entrevista como ferramenta de pesquisa, é importante que o entrevistador seja apresentado ao entrevistado por alguém de confiança, pois este irá mediar o primeiro encontro e promoverá um maior acesso ou não ao entrevistado.

Assim, consegui, por meio dos contatos anteriores travar comunicação com os ex companheiros, incluindo aqueles que atualmente continuam em um relacionamento afetivo com as entrevistadas. Para facilitar, sugeri que a entrevista poderia ser realizada por intermédio do WhatsApp¹⁴, pois consiste em uma ferramenta altamente utilizada atualmente e facilitaria na execução do trabalho.

3.2 Dos caminhos distintos ao diferentes nomes

Quadro 2 - Participação na pesquisa

Nome	Status de relacionamento	Participação do companheiro/ex na pesquisa
CARLA	Separou-se do companheiro	Não participou da pesquisa
DAIANE	Casada com o mesmo companheiro	Aceitou participar da pesquisa
KAREN	Casada com o mesmo companheiro	Aceitou participar da pesquisa
MAIARA	Separou-se do companheiro	Não consegui contato
PAULINE	Não consegui contato	Não consegui contato
SIBELE	Casada com o mesmo companheiro	Aceitou participar da pesquisa
SIMONI	Separou-se do companheiro	Não participou da pesquisa

14

Como observado no quadro 2, ao contatar Karen, Daiane e Sibele fui informada que permaneciam casadas com os companheiros da época da pesquisa de 2011 e que eles aceitariam participar da atual pesquisa.

Carla e Simoni informaram que o relacionamento da época da pesquisa terminou e que não tinham um bom relacionamento com os ex companheiros, pais dos seus filhos. Mas após insistir, passaram seus contatos do Facebook e WhatsApp. Carla havia falado que tentou conversar com o ex sobre a pesquisa mas ele não aceitou participar, então pediu que eu não informasse a ele que ela havia me passado o seu contato. Tentei deixar um espaço de tempo entre a conversa deles e meu contato para que não houvesse problemas.

Ao primeiro contato, o ex companheiro de Carla aceitou participar da pesquisa sem maiores questionamentos e acordamos que assim que tivesse definido o roteiro de perguntas, faria a entrevista. Quando tentei retomar o contato, ele apresentou algumas justificativas para adiar a entrevista, mas não negou. Porém na última tentativa de contato, uma pessoa usando seu WhatsApp se identificou como a atual namorada, disse que ele não tinha mais interesse em participar da pesquisa e me bloqueou na rede.

Tentei contato também com o ex-companheiro de Simoni, mas seu perfil no Facebook é em conjunto com a atual namorada e foi esta que me respondeu que ele não tinha nenhum interesse em participar da pesquisa, a justificativa foi de que o relacionamento tinha sido muito rápido e que gerou um filho, mas que não era algo que lhe trazia boas lembranças¹⁵.

Nos dois casos citados (Carla e Simoni) as mulheres com as quais seus ex-companheiros tem novos relacionamentos, impediram meu acesso a eles. A partir do momento em que elas passaram a responder por eles, não permitiram que eu tentasse convencê-los de participar da pesquisa. Acredito que isso se deu pelo fato de ter que retomar lembranças de uma outra relação e a insegurança ou ciúmes incidem fortemente nisso.

Uma outra interlocutora chamada Maiara, disse que não poderia me ajudar pois não tem qualquer contato com seu ex companheiro¹⁶.

De todas as entrevistadas que procurei para conversar ou para contato com seus companheiros, somente uma (Pauline) não encontrei nas redes sociais, tentei contato através

¹⁵ Vale ressaltar que quando entrevistei Simoni em 2011, ela estava grávida e informou que namorava com o pai do bebê há cinco anos e que há três anos moravam juntos. Com base nessas informações o relacionamento não aparenta ter sido tão rápido ou passageiro.

¹⁶ Insisti que me informasse seu nome para que fizesse uma busca nas redes sociais, mas ela visualizou minha pergunta e não me respondeu mais.

da associação de moradores do bairro em que ela morava, mas eu só tinha o nome dela e por ela não ser natural do bairro, o presidente da associação não a conhecia. Gostaria de ter retomado contato pois foi esta interlocutora que na pesquisa anterior mais me marcou¹⁷.

Após conseguir o WhatsApp de Fábio (esposo de Sibeles), Edson (esposo de Daiane) e Rogério (esposo de Karen) iniciei as entrevistas através desta rede.

Fábio foi o único que respondeu a todas as perguntas instantaneamente. Edson e Rogério, foram respondendo na medida que tinham tempo, a cada resposta eu fazia nova pergunta. Esse processo foi um pouco lento, pois dependia do interesse e da disponibilidade de tempo dos interlocutores para responder as perguntas. Eu tentei fazer as perguntas gravando áudios, para que eles também me respondessem assim, mas Fábio e Rogério preferiram responder todas as perguntas por escrito, e isso levava um pouco mais de tempo de acordo com o tamanho da resposta.

Em determinada ocasião Rogério respondeu uma pergunta perto das 23h40min., aproveitei e fiz uma pergunta na sequência e ele também respondeu, continuei fazendo perguntas e neste dia, finalizei a entrevista com ele por volta de 01h30min. da madrugada. Edson iniciou a entrevista respondendo por áudio, mas como ele respondia inclusive durante o horário de trabalho, passou a escrever as respostas, então eu também passei a escrever as perguntas.

A entrevista realizada com os interlocutores foi semi-estruturada na qual recorri a perguntas complementares quando tive dificuldade de compreensão da resposta do entrevistado, com a finalidade de ter maior proximidade com os fatos.

E como ocorreu na pesquisa anterior, posteriormente analisei suas respostas agrupando-as em determinadas categorias como família, profissão, orientação e uso de métodos contraceptivos, projetos de vida, cuidados e tarefas dentro do escopo de gênero. Esta se apresenta com uma pesquisa exploratória com o intuito de desvelar a realidade, sendo um pressuposto para encontrar indícios de atuação e intervenção profissional.

¹⁷ Fui fazer a entrevista em sua casa em uma comunidade de área invadida de Florianópolis. Ela morava em uma palafita (casa suspensa, construída em áreas alagadiças, sustentada por pedaços de madeira) nos fundos da casa do sogro. Lembro que ela relatou que teve que parar de estudar e trabalhar, deixou a casa onde morava com a mãe e foi morar com o companheiro, e o filho, mas utilizava a cozinha do sogro. Ela não falava em planos futuros, apenas citou que queria muito trabalhar assim que conseguisse uma vaga na creche. O que marcou foi que ela passou de filha, estudante, jovem aprendiz para mãe, nora, esposa, dona de casa.

Como destacado, a partir das informações da pesquisa anterior, repeti algumas perguntas, - conforme já mencionado - sobre a reação da família, mudanças de planos de vida, moradia. Também abordei pontos que não foram identificados, ou que tem um olhar diferenciado da sociedade como no exercer da sexualidade, pois há um traço cultural que marca nossa sociedade de que no caso destes interlocutores, se existe uma pressão social para que exerçam sua sexualidade, são incentivados para isso, diferente do que concerne ao sexo feminino que podem ser repreendidas e estereotipadas se fizerem o mesmo (SILVA,2004).

Explorei ainda, questões sobre a utilização de métodos contraceptivos para os interlocutores, se tiveram orientação no âmbito familiar ou escolar, e se entre os amigos existia algum diálogo sobre isso. Muitas mulheres se colocam como responsáveis pela utilização de métodos contraceptivos enquanto que os homens esquecem que também são responsáveis por sua utilização, desmerecendo o fato de que esta deve ser uma decisão de ambos, ficando a cargo de apenas um a responsabilidade pela contracepção (SILVA 2004).

Questionei também se houve mudanças no decorrer de suas vidas, com a chegada do filho, como ter que trabalhar se antes não o faziam, se pararam de estudar para cuidar da criança, ou se deixaram de sair com os amigos. Fazendo um contraponto com as respostas das interlocutoras na época da adolescência, pois elas foram enfáticas quando disseram que a gravidez trouxe mais responsabilidade, adiamento de planos, abandono de alguns costumes e atividades entre outros.

Harrison (1996) apud Silva (2004) enfatizam que ser mãe ou pai na adolescência não necessariamente significa que passaram para a fase adulta, significa na verdade que serão pais e mães adolescentes. Ou seja, terão vontades, gostos, atitudes que são de adolescentes, mesmo crendo que por terem um filho sobre sua responsabilidade serão adultos. Segundo Silva (2004) a mãe adolescente acaba assumindo as funções de “dona de casa” enquanto que os pais buscam um emprego ou passam a trabalhar com carga horária mais extensa para manter a família.

Na pesquisa anterior também trabalhei com a questão do arrependimento das adolescente a qual deixou algumas lacunas, neste momento, trabalharei no intuito de resolver tais inquietudes a partir do cônjuge masculino, assim, entendo que retomar essa questão, seja pertinente para o momento investigativo.

De acordo com (SILVA, 2004. p.58):

O arrependimento pode ser traduzido pela adolescência não desfrutada, pelos compromissos assumidos prematuramente, sendo que todas estas e outras modificações ocorridas a partir da gravidez, podem ainda ocasionar outras transformações na maneira de agir de muitos jovens, inclusive na vida sexual.

Aqui vou perguntar sobre como foi ter sido pai jovem e diante de suas respostas procurar identificar se manifestam arrependimento.

4 Análise de dados

NOME	Contato realizado	Entrevista efetivada	Mulheres
EDSON	X	X	DAIANE
FABIO	X	X	SIBELE
ROGÉRIO	X	X	KAREN
Ex companheiro de Simoni	Contato com a atual namorada	Não	SIMONI
Ex companheiro de Carla	Sim	Não	CARLA

*Não nomeie os sujeitos que não aceitaram participar da pesquisa

Apresentarei a seguir as respostas dos interlocutores que aceitaram participar da pesquisa, mediante as entrevistas e farei uma análise partir de suas falas.

Quadro 3 - Dados profissionais

NOME	Idade em que começou a trabalhar	Escolaridade	Idade	Profissão
EDSON	16 anos de idade (estagiário)	Superior completo	24	Gerente de tecnologia
FABIO	16 anos de idade	Médio completo	29	Impermeabilizador
ROGÉRIO	16 anos de idade	Parou de estudar no 2º ano do ensino médio	25	Microempreendedor/construção civil

Ao analisar as respostas do quadro 3, observei que ambos Fábio, Edson e Rogério, começaram trabalhar ainda na adolescência, sendo que apenas Edson referiu que iniciou como estagiário. E fazendo uma conexão entre a idade atual, escolaridade e profissão, percebi que Fábio é o mais velho dentre os três, não prosseguiu com os estudos após concluir o ensino médio. Atualmente trabalha como impermeabilizador, profissão que não exige maior qualificação educacional.

Edson começou sua profissionalização como estagiário, prosseguiu a escolaridade, atingindo o ensino superior e atuando hoje em uma área que exige tal qualificação.

Rogério ainda que não tenha concluído o ensino médio, atualmente é microempreendedor do ramo da construção civil. Profissão que também não requer maior grau de escolarização. Com relação a Fábio e Rogério, fica demonstrado que o baixo nível de escolaridade, que representa um relevante indicador social na paternidade jovem, repercute diretamente no tipo de profissão e condição em que se inserem no mercado de trabalho (CABRAL, 2002).

Edson representa uma parcela que fica fora da condição definida anteriormente, sendo o de menor idade entre os três foi o que mais avançou na parte educacional e veio ascendendo profissionalmente na mesma empresa e ramo de trabalho.

Quadro 4 - Orientação e uso de métodos contraceptivos.

Nome	Com quem teve orientações sobre métodos contraceptivos?	Frequência do uso de métodos contraceptivos
EDSON	Escola	Não usava sempre
FABIO	Mãe e escola	Não usava sempre
ROGÉRIO	Escola	Não usava somente com a esposa

Como mostra o quadro 4, semelhante ao observado na pesquisa de 2011, todos os interlocutores mencionaram ter obtido orientações sobre métodos contraceptivos na escola. Apenas Edson citou a mãe como uma outra fonte de orientação. Fica evidenciado que alguma orientação todos tinham, e o que foi comum a todos é que tais aprendizados não culminaram no rigor na utilização de tais métodos, pois todos citaram a não frequência de tal prevenção.

Rogério ainda citou que não usava métodos contraceptivos apenas com a namorada, evidenciando outro destaque que é a relação de confiança quando existe uma estabilidade na relação e conseqüente diminuição ou não utilização de contracepção. A não frequência no uso do preservativo masculino, principalmente quando a relação entre os parceiros se torna mais íntima, representa registro frequente. O uso descontínuo do preservativo masculino, especialmente nos estudos sobre conduta sexual independente se for entre adultos ou adolescentes. Há ainda maior dificuldade entre as mulheres de conseguirem convencer os parceiros do uso do preservativo, e eles acabam decidindo sobre a utilização ou não. Impossibilitando assim a adoção de medidas preventivas de doenças sexualmente transmissíveis e gestação (ALMEIDA e HARDY, 2007).

Quando perguntados sobre métodos contraceptivos o que mostraram é que somente consideram um método, o preservativo. Mesmo que não tenham citado o nome propriamente dito, suas respostas indicam que o uso não frequente relaciona-se ao preservativo, não apontam outras formas de prevenção, e supostamente ao homem cabe exclusivamente o uso do preservativo.

Quadro 5 - Família

Nome	Com quem morava quando a namorada engravidou	Reação da família	Idade da paternidade
EDSON	Mãe	Inicialmente difícil, a reação foi negativa mas depois a mãe ficou contente. A preocupação era financeira, apesar de já ser independente financeiramente.	19 e 21
FABIO	Namorada	Ficaram contentes	23 ¹⁸
ROGÉRIO	Pais	Surpresos, mas contentes. Já tinham independência financeira.	18

O quadro 5 indica que Fábio morava com a namorada quando ela engravidou, Edson

¹⁸ De todos os entrevistados Fábio é o único que foi pai após a adolescência.

morava com a mãe e Rogério morava com os pais. O que ficou evidenciado em suas respostas é que a principal preocupação das famílias era com a questão financeira se era o suficiente para manter uma família. Exceto no caso de Fábio que já morava com Sibebe e a família ficou contente com a gestação.

Edson e Rogério mencionaram que a independência financeira foi importante para a aceitação da paternidade na adolescência. Edson ainda citou a situação vivenciada pelos pais e que acabou sendo reproduzida por ele:

Foi um pouco difícil eu contar pra ela porque ela também veio de... Eu sou fruto de um relacionamento também entre jovens adolescentes. Ela era mais nova que a minha namorada no caso, ela tinha 16 anos e meu pai 17, bem mais jovens do que a gente. Primeiro foi um pouco desagradável, ela ficou um pouco brava, mas em questão de horas depois ela já se contentou com a notícia, até porque ela sempre gostou muito do nosso relacionamento. E uma das primeiras perguntas dela foi questão de dinheiro, como que eu estava financeiramente, porque eu pagava minhas contas, eu ajudava em casa e ela não se metia em questões financeiras minhas. Então ela queria saber muito como que eu tava, se eu conseguiria construir uma casa naquele momento pra poder construir essa família adequadamente. (ÁUDIO, WhatsApp 5 de outubro de 2016, 11:00hs)

A fala de Edson exemplifica o quanto a mãe se preocupava que ele passasse pelas mesmas dificuldades que ela havia passado devido a uma gestação ainda na adolescência. E sua preocupação se baseia na parte financeira, se o filho teria como sustentar sua família, já que agora teria sua própria casa e as responsabilidades advindas dessa nova situação.

Quadro 6 - Gestação e projetos de vida

Nome	Como vivenciaram a gestação	Projetos de vida interrompidos ou adiados diante da gravidez
EDSON	Culpados e depois passaram a planejar como seria a reorganização familiar para que a criança não passasse necessidade.	Suspendeu a faculdade por um ano, mas refere-se que a gravidez não foi o principal motivo.
FABIO	Surpresos e depois felizes	Antes disso não tinha projetos de vida. Com a gravidez passaram a fazer projetos de vida e depois do nascimento do filho adquiriram carro, casa, moto

ROGÉRIO	Assustados mas depois resolveram se casar. Foram morar com os seus pais e depois compraram um apartamento.	Não terminou o ensino médio e não fez uma faculdade por não conseguir conciliar trabalho e estudos.
---------	--	---

Segundo o quadro 6 , todos os interlocutores reagiram a gravidez com surpresa, como se não isso não fosse possível de ocorrer ou que não fazia parte de seus projetos naquele momento (ALMEIDA e HARDY, 2007).

Ainda no quadro 6 uma resposta marcante foi a de Fabio, sobre projetos de vida interrompidos: “Na verdade antes disso quase não tinha projeto de vida, depois que tivemos nosso filho foi onde compramos carro, casa, moto. E daí pra frente só adquirimos mais. Acho que um filho faz a gente ter mais projetos de vida.” (TEXTO DO WHATSAPP, 4 de outubro de 2016, 22h03min.)

Aqui ficou evidenciado que os projetos de vida dele eram voltados para a obtenção de bens materiais. Sua resposta aponta que não estava entre seus projetos de vida estudar ou vislumbrar seu futuro como pai, mas adquirir carro, moto e casa. Diferente de Edson que enfatizou que teve que parar de estudar e Rogério que também parou de estudar e não conseguiu fazer uma faculdade por não conciliar estudos e trabalho. Neste caso, a paternidade precoce foi instrumento para a transmissão intergeracional da pobreza, pois culminou na interrupção da escolarização se constituindo em uma barreira na busca por melhores oportunidade de trabalho e salários (CABRAL, 2002 apud SOUZA, 1998).

Os dois últimos interlocutores apontaram que tinham os estudos como projetos de vida. Mas até o presente momento apenas Edson conseguiu retomar os estudos e concluí-los.

Quando questionados sobre se algum amigo ou parente próximo foi pai na adolescência o único que respondeu que sim foi Edson e segue aqui sua resposta:

Sim, pai e mãe. Ela tinha 17 e ele 19. Eles tiveram que largar os estudos para começar a trabalhar. Porém o relacionamento não durou muito tempo, fora isso foi normal. Devido a ter acontecido isso com minha mãe, ela sempre pediu pra, já que houve isso, pra mim não parar de estudar. (TEXTO WHATSAPP, 21 de outubro de 2016, 15h41min.)

Esta resposta aponta o receio da mãe do interlocutor de que a situação vivenciada por ela se repetisse com o filho. Então ela insistiu que ele não parasse de estudar, como ela teve que parar quando engravidou dele.

Quadro 7- Relações, cuidados e tarefas

Nome	Como é a relação com a mãe de seu filho / filha? E a relação com a família dela?	Você tem uma relação próxima com a criança?	Quem cuidava (ou em alguns casos cuida ainda caso tenha tido outro filho) do bebê? Como vocês dividiam as tarefas da casa?
FABIO	Relação tranquila, estão juntos há dez anos, refere-se que o amor e o respeito permanecem. Tem um bom relacionamento com a família dela.	Relação bem próxima. Está sempre presente. Briga quando tem que brigar mas dá muito amor e carinho. Relação de parceria.	O filho frequenta a creche desde bebê, no período vespertino. No momento fica em casa com a mãe no período da manhã, pois ela está na perícia (últimas semanas de gestação). No final da tarde todos ficam juntos em casa, não tem divisão de tarefas, ambos fazem tudo.
EDSON	Relação perfeita. Com a família a relação é de ajuda mútua.	Sim. Informa que vive com eles, leva para a escola, leva para praticar esportes. Faz download de desenhos antigos, leva para o cinema, faz tudo com eles.	A esposa ficou sem trabalhar fora por dois anos, então as tarefas de casa e os cuidados com o bebê ficavam com ela. Quando ele chegava do trabalho tentava ficar com os filhos para a esposa descansar, mas nos dias que estava muito estressado ia direto dormir. Hoje a esposa trabalha e faz 60% das atividades em casa, acorda mais cedo para arrumar as crianças para a escola e fazer café. Ele leva e pega as crianças na escola. Ela faz as tarefas de casa e roupa sozinha. Ele ajuda na preparação da comida.
ROGÉRIO	São casados, tem três filhos. Tem um bom relacionamento com a família dela	Sim. Se considera um pai muito presente.	Os filhos vão para a escolinha e ambos dividem as tarefas. Ele leva e busca na escola e ajuda no banho. A esposa não trabalha fora.

O quadro 7 indica que cada um dos interlocutores considera ter bom relacionamento com a esposa e sua família. E salientam que contribuem com a organização familiar fazendo várias atividades. Mas em algumas falas essa divisão de tarefas ou responsabilidades aparenta

ser um pouco desigual. Como no caso de Fabio, mesmo que diga que ambos fazem tudo dentro de casa, inicialmente relata que o filho fica com a mãe na parte da manhã e a noite todos ficam juntos, ou seja, a mãe acaba ficando com mais responsabilidades, pois ele não diz que já que a mãe cuidou do filho no período matutino ele cuidaria a noite.

No caso de Edson, dentre suas principais atividades estão o transporte das crianças a escola, atividades esportivas, cinema, talvez pelo fato de ele ficar com o carro da família. Pois quando se trata da divisão de tarefas em casa, ele assume que fica com menos atribuições e a única atividade que a esposa não faz sozinha que é a cozinha, ele refere que a ajuda, ou seja, ela ainda é a principal responsável por tal tarefa.

Vale ressaltar quando ele diz que algumas vezes chegava em casa cansado do trabalho e ia dormir, ficando por conta da esposa os cuidados e atenção com os filhos, sendo que tinha feito isso durante todo o dia por não exercer trabalho fora de casa. Supostamente por não ter um emprego, a esposa fica encarregada de cuidar dos filhos e da casa. Evidenciando que as diferenças de papéis ainda permanecem, principalmente nos espaços privados, onde as divisões sexuais do trabalho doméstico continuam sendo desiguais, e cabe a mulher mais atribuições do que ao homem (GOLDENBERG, 2001).

Ainda que não se deve desconsiderar que as relações tenham se modificando se compararmos a tempos atrás em que ao homem cabia apenas o prover. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, e seu atual movimento na sociedade vem alternando tais relações, e os homens passaram ter maior envolvimento com a educação das crianças (ZAMBERLAM, 2001).

Quadro 8 - Saudades e lembranças

Nomes	O que mais gosta/gostava de fazer/cuidar do bebê? O que menos gostava? Sente saudades dessa fase?	Qual sua melhor lembrança desta fase? E a pior?
EDSON	Adora cuidar da alimentação, comprar, e preparar. Refere-se que pegá-los na escola se torna problemático algumas vezes pelo seu trabalho. Sente saudade de fazê-los dormir no seu peito, era a	Piores eram as noites de choro por não saber qual o problema. Melhores eram os sorrisos do descobrimento.

	coisa mais gostosa do mundo.. Agora eles não querem mais isso.	
FABIO	Como estava sempre trabalhando, o tempo que tinha com o filho gostava de brincar com ele e fazê-lo rir. Não tinha nada que não gostava, estar com ele era a melhor coisa. Sente saudades mas agora vai matar as saudades com o nascimento da nova filha.	Todas as lembranças com o filho são boas, não tem uma específica. Era ruim apenas quando ficava doente e ia para o hospital.
ROGÉRIO	Não gosta de trocar fraldas, mas gosta de levar e buscar na escolinha pois eles sempre têm histórias para contar. Sente falta mas prefere agora pois já correm, jogam bola.	Melhor lembrança foi a primeira palavra dos três que foi papai. Pior lembrança é de quando ficaram doentes.

O quadro 8 apresenta diferentes pontos que foram marcantes para cada um. Fabio falou sobre o quanto o trabalho interferia na disponibilidade de tempo para brincar com o filho e que quando tinha oportunidade tudo que queria era estar com ele. Já Edson falou sobre o quanto gosta de comprar e preparar a comida, mas também refere-se ao trabalho como um obstáculo na garantia de buscar os filhos na escola. Rogério falou do quanto gosta de levar e buscar as crianças na escola por ouvir as histórias que eles têm para contar.

Os três interlocutores se referiram como pior lembrança quando os filhos ficavam doentes e não sabiam o diagnóstico ou tinham que ser hospitalizados. Fabio e Edson evidenciaram que todos os outros momentos eram especiais. E Rogério ainda recordou que seus três filhos quando começaram a falar, a primeira palavra a ser pronunciada foi papai.

Quadro 9 - Aborto

Em algum momento pensaram em interromper a gestação?
Não, é totalmente contra isso. Mesmo que seja de surpresa, é uma vida.
Sim, mas foi uma ideia passageira.
Não, nunca porque não acha certo. Não concorda com aborto.

Como evidenciado no quadro 9, quando interpelados sobre a intenção de fazerem aborto, Fabio e Rogério foram enfáticos em dizer que não fariam porque não concordam, não acham certo. Já Edson indicou que ele e a namorada manifestaram vontade mas foi uma ideia passageira. Mesmo diante de uma gestação não planejada dois deles se colocaram como totalmente contra o aborto, . Talvez por razões religiosas ou morais, mas não colocaram essa possibilidade.

Quando questionados sobre como foi terem sido pais jovens, suas respostas apresentaram detalhes que valem ser mencionados:

Pra mim foi o melhor que aconteceu, pois não tinha planos para a minha vida, com o nascimento dele comecei a alcançar metas que eu mesmo fazia, pra mim mesmo. Fez com que que crescesse muito como pessoa e na vida também. Todos os dias que passam tento fazer o possível para que ele se orgulhe muito com o pai que estou sendo pra ele. (FABIO, TEXTO DO WHATSAPP, 4 de outubro de 2016, 22h46min.).

Em sua resposta, Fabio evidenciou que a paternidade para ele foi uma alavanca no que concerne aos planos e objetivos a serem traçados para a vida. Mencionou ainda a preocupação que tem de passar para o filho imagem e exemplo positivos para que o filho se orgulhe dele como pai.

Segue a resposta de Edson, diante da mesma pergunta:

Cansativo fisicamente, na gravidez, pra preparar tudo para o nascimento. Desde fazer uma casa e mobiliar para que fique habitável em 9 meses. Preocupações de como seria minha vida pra frente, com as experiências que estariam pra vir e até as que poderia perder, tendo que me restringir as aventuras da juventude em grupos. Preocupado com a escolaridade, como continuar com esse projeto para dar um futuro melhor pra ele. Como seria uma vida a dois sendo que até então só tinha namorado, nunca tinha morado junto. Se você não tiver uma cabeça preparada, você simplesmente larga tudo e só paga pensão alimentícia, que seria muito mais fácil que enfrentar os desafios. (EDSON, TEXTO DO WHATSAPP, 24 de outubro 10h17min)

Aqui é importante salientar o quanto a gravidez estava intrinsecamente ligada a conjugalidade, pois o fato que fez com que deixassem de ser namorados para passarem a ser casados. “Há a antecipação de escolhas quanto a gerar um filho e constituir uma família; tais planos que poderiam ser definidos a longo prazo passam a exigir decisões mais rápidas, devido à chegada do bebê”. (VENTURINI e PICCININI, 2014,174 apud Camarena et al., 1998).

E diante disso a necessidade de ter uma casa para que se efetivasse de fato a

autonomia residencial/conjugal mesmo que fosse uma autonomia de certa forma relativa, visto que anteriormente ele cita a família como uma fonte de ajuda, ainda assim existe um discurso moral que designa ao homem a função de provedor (CABRAL,2002). Edson fez também uma reflexão sobre as mudanças que viriam diante da nova fase, e do que perderia de sua juventude. Revelando que paternidade produz a transição para vida adulta, representando uma mudança de situação e atitudes que os tornam mais responsáveis .Apontou ainda a preocupação em continuar estudando para poder proporcionar um futuro melhor para o filho. Por fim, refletiu que é preciso estar mentalmente preparado para assumir tantas mudanças, argumentando que seria muito mais fácil pagar pensão alimentícia e não enfrentar os desafios.

Finalizo com a resposta de Rogério: “Um pouco difícil, tudo novo. Fomos aprendendo aos poucos mas consegui, tivemos ajuda de ambas as famílias, mas foi muito bom.”(ROGÉRIO, TEXTO DO WHATSAPP, 27 de outubro de 2016, 00h23min)

Ele fala sobre a dificuldade em ser pai jovem, que foi vencida aos poucos. Mencionando ainda que contaram com ajuda de ambas as famílias e foi muito bom. Nesse contexto Cristiane Cabral (2002) aponta que para assumir responsabilidades e atingir ideais de masculinidade é fundamental a participação da família, onde a existe ajuda mútua além da manutenção material e moral para que o jovem assuma a paternidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei essa pesquisa objetivando trabalhar com a paternidade na adolescência, como uma continuidade do trabalho realizado anteriormente sobre gravidez na adolescência, em que observei que as adolescentes não foram interpeladas sobre como ficou relação conjugal após a notícia da gestação, nem como ficaria a organização familiar e demais atribuições diante da vivência da paternidade e maternidade, ponto trabalhado nesta pesquisa.

Nesta pesquisa observei que, por um lado ao se tratando do pai adolescente há uma invisibilidade social que reflete no pequeno número de trabalhos existentes. e por outro ângulo, interpelando estes pais adolescentes, constatei que os entrevistados mesmo conhecendo os métodos contraceptivos não planejaram a gestação e/ou a paternidade, mas que prosseguiram com a gestação.

Neste ponto, ficou evidenciado que as orientações sobre contracepção, bem como exercer a sexualidade, têm sido ineficientes. Essa falha se dá desde a escolarização, onde as publicações e regulamentações orientam para que a sexualidade seja trabalhada, mas em contrapartida o que ficou evidenciado é que os adolescentes pouco se recordam de tais abordagens no âmbito escolar.

É preciso que os professores sejam capacitados continuamente, e que especializações como essa sobre Gênero e Diversidade possam atingir um maior número de profissionais que devem ser incentivados para fazê-la.

Ao que diz respeito sobre composições e arranjos familiares, ficou evidenciado nesta pesquisa que as/os adolescentes entrevistados, construíram um núcleo familiar, heterossexual, monogâmico, demonstrando que essa construção social ainda é latente e a busca desses sujeitos ainda é pelo modelo tradicional de família. As falas dos pais interlocutores demonstram que dentro desse modelo tradicional, mesmo com todas as conquistas femininas e inserção no mercado de trabalho, ainda são as mulheres as principais responsáveis pelas atividades da casa e cuidados com os filhos, mesmo que isso não seja totalmente reconhecido por seus companheiros. Pois essa relação ainda é muito naturalizada, fato que dificulta tal percepção.

E, para falar sobre as novas composições familiares Fonseca (2005) que pesquisa sobre os novos laços familiares, onde a família é entendida como uma rede extensa de parentesco, são primos, sobrinhos, ex sogros, tios vivendo em uma mesma unidade familiar. Mas esta pesquisa aponta que não há nada de inovador no modelo de família encontrado, tampouco em relação a ocupação e desempenho dos papéis dentro da relação de conjugalidade.

Outro fator importante é que as reações familiares diante da gestação foram diferentes para os pais adolescentes. Pois a principal preocupação das famílias era se iriam dar conta de assumir financeiramente os filhos, mas não foi mencionado pelos interlocutores preocupação dos pais por serem novos e como se responsabilizariam pelos cuidados e educação dos filhos. Demonstrando o quanto ainda está enraizado a ideia de que cabe ao homem o prover materialmente a família.

Aponto como uma das dificuldades no desenvolvimento desta pesquisa, a forma de nomear os sujeitos da pesquisa, pois não sabia se me referia a eles como mães adolescentes, gestantes adolescentes, pais adolescentes, homens pais, homens adolescentes, jovens pais

devido a também não ter uma definição nas nomenclaturas. Deste modo, optei por manter a referência as interlocutoras da primeira pesquisa como mães adolescentes, devido as idades em que engravidaram e tiveram seus filhos, mas que independente disso exerceram o papel de mãe. Seguindo a mesma perspectiva, identifico os interlocutores da atual pesquisa como pais adolescentes, visto que foi em tal fase que passaram pela primeira experiência da paternidade.

Ainda cito as entrevistas não realizadas como dados a serem estudados, pois seria interessante entender o quanto o fim de uma relação pode incidir no distanciamento do pai com relação ao filho. Que pode ser ainda mais acirrado podendo chegar a um rompimento quando este pai inicia novo relacionamento.

Diante do trabalho realizado, concluo que a paternidade na adolescência não pode ser considerada negativa, pois no caso dos interlocutores foi uma alavanca para conquistarem bens materiais como casa própria, automóvel, autonomia financeira, ainda que para isso alguns tiveram que priorizar o trabalho em detrimento do prosseguimento nos estudos.

Todos, no entanto, fazem uma reflexão positiva acerca da vivência da paternidade, inclusive ampliando a família com a chegada em o segundo e em um dos caso do terceiro filho. O que deve ser problematizado é que a escolha pela paternidade, ainda que seja na adolescência, pode ser uma escolha planejada e consciente.

Os entrevistados adolescentes, tem que saber desde a infância que gênero é uma construção social e como tal reflete nos comportamentos em dadas sociedades. Eles precisam compreender que podem fazer suas escolhas e assumi-las publicamente. Mas para isso precisam de educação ou orientação para ultrapassar ideias retrógradadas, visões tradicionais e buscar a partir do conhecimento fazer suas escolhas. Há ainda outro obstáculo a ser ultrapassado que é a diferenciação de atribuições entre homens e mulheres, fator relevante para que no âmbito privado, muitas mulheres ainda tenham inúmeras jornadas de trabalho como se fosse algo naturalizado e inerente ao fato de ser mãe e mulher.

Reforço que o principal meio de vencer tais comportamentos desiguais expressos socialmente é através da educação, materializada no processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino, and Ellen Hardy. "**Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes.**" *Revista de Saúde Pública* (2007).

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino. **Vulnerabilidade de gênero na sexualidade e na paternidade adolescente**. Campinas, SP. 2005.

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino; HARDY, Ellen. **Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes**. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 565-572, ago. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000400010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102007000400010>

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal**. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.

CABRAL, Cristiane S. "**Gravidez na adolescência**" e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem." *Revista Brasileira de Estudos de População* 19.2 (2013): 179-195.

CABRAL, Cristiane S. **Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S283-S292, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800010&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Sept. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800010>

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Sept. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

CORRÊA ACP, FERRIANI MGC. **Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico**. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre (RS) 2006 dez;27(4):499-505.

DADOORIAN, Diana. **Gravidez na adolescência: um novo olhar**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 84-91, Mar. 2003. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Sept. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100012>.

FINKLER, Ivana; SIQUEIRA TONELI, Maria Juracy; MENDES, Daniela ; GUEDES, Thais; GONÇALVES, Mônica D. S., **Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai?** Estudos de Psicologia [en línea] 2002, 7 (enero) : [Fecha de consulta: 3 de septiembre de 2016] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26170108>>ISSN 1413-294X

FONSECA, Claudia. **Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica.** Saude soc., São Paulo , v. 14, n. 2, p. 50-59, Aug. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902005000200006>.

GOLDENBERG, Mirian G566a **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais/** Mirian Goldenberg.- 8ªed.- Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, M. (2001). **Sobre a invenção do casal.** Estudos e Pesquisas em Psicologia (Rio de Janeiro), 1(1), 89-104.

GONZAGA, Andresa Dalila. **Gravidez na adolescência: Reflexo da falta de orientação? Um debate acerca das informações prestadas.** 2011.108f. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). Livro2-Módulo II- **Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero// Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ UFSC, 2015. 141p. Livro didático. Inclui bibliografia. Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a distância. 1. Gênero. 2. Diversidade. 3. Sexualidades. 4. Religião. 5. Escola.

KIMMEL, Michael. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** In.: Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 4, outubro de 1998.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. **Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional.** Estud. psicol. (Natal), Natal , v. 6, n. 2, p. 195-209, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2001000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2001000200007>.

LUZ, Ana Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. **Processo da paternidade na adolescência.** Rev. bras. enferm., Brasília , v. 63, n. 1, p. 43-50, fev. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672010000100008>

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. **Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas:**

O viés científico. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 145, jan. 2000. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9873>>. Acesso em: 03 set. 2016

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen; CARRARO, Telma Elisa. **Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente.** Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 83-91, Mar. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Sept. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072009000100010>.

MENDES, Juliana Cavilha. **Histórias de quartel: Um estudo de masculinidades com oficiais fora da ativa. 2002.** Dissertação de mestrado (Pós graduação em Antropologia Social)- Universidade Federal de Santa Catarina.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde.** 2. Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 1993.

NADER, Maria Beatriz. **A condição masculina na sociedade.** Dimensões: Revista de História da. UFES, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jaqueline Medeiros. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica.** <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820_ARQUIVO_Generoepoderaconstrucaodamasculinidadeeexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf>. access on 03 Sept. 2016.

NOGUEIRA MJ, MARTINS AM, SCHALL VT, MODENA CM. **“Depois que você vira um pai...”: adolescentes diante da paternidade.** Adolesc Saude. 2011; 8(1): 28-34.

OLIVEIRA, Patrícia Renner. **O papel das mídias sociais e digitais no século XXI: Um estudo da manifestação ocorrida no estado de São Paulo, em 17 de junho de 2013.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Públicas – Ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social. Orientador: Professor Dr. Valmor Rhoden

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre a Masculinidade.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 91, jan. 1998. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>>. Acesso em: 04 set. 2016.

PIGNATEL, T. A. **Fatores que Influenciam a Incidência de Gravidez na Adolescência.** Monografia de bacharelado em Psicologia. Centro de Ciências da Saúde Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu/SC.2009.

ROHDEN, Fabíola. **Para que Serve o Conceito de Honra, ainda hoje?.** CAMPOS - Revista de Antropologia Social, [S.l.], dez. 2006. ISSN 1519-5538. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7436/5330>>. Acesso em: 19 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/cam.v7i2.7436>

SALEM, Tania, and Maria Luiza HEILBORN. **"Homem... já viu, né?": representações**

sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular." *Família e sexualidade* (2004): 15-61.

SERAPIONI, Mauro. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração.** Ciência e Saúde Coletiva, vol.5 no.1 Rio de Janeiro 2000.

SILVA, J. B. S. **Encontros e Desencontros na Trajetória Percorrida Pelos Adolescentes a Partir da Gravidez**. Tese de Mestrado em Saúde Pública. Programa de Pós- Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

VENTURINI, Ana Paula Cargnelutti; PICCININI, Cesar Augusto. **Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de vida e sobre a paternidade adolescente.** *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 26, n. spe, p. 172-182, 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000500018&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000500018>.

WELTER, Tania; CANDIDO, Fernando. **Gênero, Diversidade Sexual e Religião.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático. Inclui bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. 1. Gênero. 2 Diversidade Sexual. 3. Religiosidades.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. **Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar/** Cristina de Oliveira Zamberlam.- Rio de Janeiro: Renovar, 2001.